



ENTREVISTA “IGOR FUSER”: O JORNALISMO COMO ELEMENTO ESSENCIAL PARA A CIDADANIA

Para Igor Fuser, uma boa reportagem é aquela que transforma o olhar e a vida do leitor. E tudo começa por uma formação que permita ao estudante de jornalismo posicionar-se criticamente em relação ao mundo e à própria imprensa

Enio Moraes Júnior¹

Resumo:

A entrevista a seguir aborda, sobretudo, a atuação docente do jornalista Igor Fuser na Faculdade Cásper Líbero, onde foi professor do curso de Jornalismo. Editada para a Revista Alterjor, a entrevista é parte da tese de Enio Moraes Júnior, defendida na ECA/USP em 2011, e recentemente publicada em *Formação de Jornalistas: elementos para uma pedagogia de ensino do interesse público* (Editora Annablume, 2013). Vale a pena, neste momento de recém-lançadas *Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Jornalismo*, acompanhar a conversa.

Palavras-chave: cidadania; ensino do jornalismo; mídia; reportagem.

¹ Doutor em Ciências da Comunicação pela ECA-USP; Professor e Coordenador Pedagógico do Curso de Jornalismo da ESPM-SP. E-mail: Enio@espm.br

Introdução

Igor Fuser é jornalista e professor do curso de Relações Internacionais da Universidade Federal do ABC (UFABC). Doutor no Departamento de Ciência Política da USP (2011) e mestre em Relações Internacionais pelo Programa de Pós-Graduação Santiago Dantas (Unesp, Unicamp, PUC-SP), possui graduação em Jornalismo pela Faculdade Cásper Líbero.

É autor dos livros *Energia e Relações Internacionais*, *Petróleo e Poder: o envolvimento militar dos Estados Unidos no Golfo Pérsico*, *Geopolítica: O mundo em conflito*, *A Arte da Reportagem* (organizador) e *México em Transe*. Trabalhou como jornalista especializado em assuntos internacionais, exercendo o cargo de editor nessa área na *Folha de S.Paulo* e nas revistas *Veja* e *Época*.

Entrevista

Revista Alterjor – Você tem uma experiência muito grande na área de jornalismo internacional, cobertura internacional, editor de Internacional, trabalhou na *Veja*, na *Folha de S.Paulo*...

187

Igor Fuser – Em vários lugares, sempre em Internacional. Eu fiz outras além de Internacional, mas o que eu mais fiz no jornalismo foi isto.

RA – Em que momento surgiu o jornalismo na sua vida?

IF – Interessante a sua pergunta porque eu sempre quis ser jornalista, desde criança. Eu tinha 12 ou 13 anos e fazia o jornalzinho da turma do bairro, depois fiz jornal do ginásio (tinha ginásio na minha época!). Fui militante do movimento estudantil e a minha função acabava sendo, sobretudo, fazer os jornais estudantis. Como diz a música, “nunca fui um grande líder”, mas já era jornalista na época do movimento estudantil. Vim estudar jornalismo, porque essa foi a minha escolha e trabalhei vinte anos na área, mas larguei o jornalismo alguns anos atrás. Hoje, na prática, não sou mais um jornalista.

Troquei o jornalismo pela vida acadêmica porque não dava mais, porque o conflito entre os meus valores, os meus princípios, a minha visão de mundo e o jornalismo que se faz – o jornalismo corporativo, o jornalismo empresarial – chegou a um ponto insustentável. Então eu falei: “não vou ficar mais dando murro em ponta de faca, fazer uma série de concessões que eu não estou disposto a fazer”. E vim para a vida acadêmica. Eu ganho hoje menos do que o que eu ganhava na grande imprensa, mas estou muito mais feliz porque só escrevo o que quero, aquilo que acredito.

RA – Há um texto do Rui Barbosa, em que ele diz que a imprensa é a “vista da nação”. E aí eu fiquei pensando: talvez para o Fuser, a imprensa seja a vista do mundo. Eu queria que você falasse um pouquinho disso. Até que ponto esse seu olhar para o mundo define a sua concepção de jornalismo?

IF – A imprensa uma vista do mundo, mas uma vista muito deformada, especialmente no Brasil, porque você tem cinco ou seis grupos empresariais que controlam 95% das informações que são veiculadas para o grande público. Uma imprensa que é completamente partidária, a favor de interesses conservadores, a favor de manter um mundo injusto tal como ele é e, de preferência, torná-lo mais injusto. Uma imprensa totalmente a serviço das classes dominantes em que as informações são veiculadas a partir de uma ótica de classe. Isso vale para o noticiário nacional, isso vale para o noticiário internacional. De tudo aquilo que o Chomsky (*Noam Chomsky, linguísta e ativista político estadunidense*) diz sobre a manipulação da imprensa, corresponde exatamente ao que foi a minha experiência dentro da grande imprensa. Eu trabalhei nove anos na revista *Veja* no tempo em que a revista fazia jornalismo... Fazia, porque hoje ela não faz.

RA – Qual foi essa época?

IF – Eu entrei na *Veja* em 1988, o diretor era o Guzzo (*José Roberto Guzzo*), e saí da *Veja* no início de 1997. Eu trabalhei lá o período todo de gestão do Mário Sérgio. Quando eu saí, ele ainda era o diretor, mas quem mandava era o Tales Alvarenga, que acabou assumindo. Não posso nem falar mal do Tales Alvarenga porque ele já morreu,

mas enfim... Trabalhei também cinco anos na *Folha*, fui editor de Internacional da *Folha*, fui editor de Internacional na *Veja* durante oito anos e mais tarde fui editor de Internacional da revista *Época*. Foi aí, realmente, que decidi sair do jornalismo, da grande imprensa... Eu deixei esse tipo de jornalismo. Eu continuo ligado à imprensa alternativa. Eu participo do conselho de duas publicações que são o *Le Monde Diplomatique Brasil* e o *Brasil de Fato*. Eu colaboro com essas duas publicações de esquerda, eu sou um homem de esquerda, mas não tenho uma atividade constante. O jornalismo não é a minha atividade principal. De vez em quando, eu faço algum projeto especial. Há pouco tempo dei uma parada porque precisava me concentrar na minha tese. Mas fiz muitas coisas para a revista *História Viva*, colaboro com o *Almanaque Abril Atualidades*, coisas do tipo. Mas cada vez mais eu estou me focando na atividade acadêmica.

RA – Quando começou a sua vida acadêmica? Como foi essa passagem?

IF –Eu comecei a dar aula de jornalismo em 1997, justamente quando saí da *Veja*, um pouco por esporte ou por prazer mesmo. Eu trabalhava na *Editora Abril* e quando eu saí da *Veja* eu continuei na *Editora Abril* por uma série de motivos. E eu vim dar aulas porque me fazia bem o convívio com a moçada, com gente jovem, discutir jornalismo, participar da formação de novos profissionais... Quando eu trabalhava na *Abril* essas eram coisas que eu fazia também, eu gostava de orientar, etc, mas era uma atividade completamente lateral. Aí quando eu saí da grande imprensa, o que era secundário, quase um *hobby*, acabou por ser a minha atividade principal. Assumi mais aulas e passei a encarar a vida acadêmica seriamente. Ou melhor: seriamente eu já encarava, mas assumi uma nova identidade, uma nova carreira, que é uma carreira como professor. Hoje, eu tenho bastante tempo, sempre dando aula da mesma disciplina. Não vou dizer sempre o mesmo curso, porque esse curso vence, tem prazo. Todo ano eu faço modificações: o que é que deu certo, o que não deu certo? Vou ajustando, vou tendo ideias novas.

RA – Na Cásper você ministrou basicamente reportagem...

IF – Um curso de reportagem. E eu aprendi muito... Hoje, se eu voltasse para a imprensa, eu seria um editor muito melhor do que eu fui, mas a vida vai para a frente e eu estou mais interessado em outras coisas do que no jornalismo, do que o “fazer jornalismo”, embora eu ainda goste muito do jornalismo. Eu procuro passar entusiasmo para os meus alunos com o jornalismo. Eu abomino esses professores negativistas que só têm coisas ruins para dizer. Eu faço essa crítica ideológica, política e ética à grande imprensa, mas o jornalismo é uma grande paixão e continua a ser uma grande profissão. Apesar de todos os pesares, 99% do fazer jornalístico é um completamente decente, inclusive nesses veículos que eu critico. O problema é esse 1% é que dá o diapasão da dimensão política da atividade jornalística. É onde eu concentro a minha crítica, mas não nas pessoas que estão lá trabalhando honestamente, não né? Quer dizer: esses veículos não podem ser encarados em bloco. Existem brechas, contradições, sobretudo no jornalismo diário. A imprensa semanal virou um lixo mesmo, só se salva a *Carta Capital*. As outras três revistas, pode jogar fora. De vez em quando vai lá, tem uma ou outra coisa, tem muita gente boa trabalhando, muito competente, mas no conjunto, como publicações, pode jogar fora. Já da imprensa diária não se pode dizer a mesma coisa. A imprensa diária é um produto muito mais complexo.

RA – Essa crítica que você faz à imprensa semanal, principalmente, tem a ver com o conceito do *infoentretenimento* do Chomsky? Ele faz uma crítica ao modelo de informação articulada ao entretenimento que talvez tenha muito pouco a ver com o jornalismo...

IF – Eu não tenho uma visão purista. Na época em que eu trabalhava na *Super Interessante*, o que é que a gente fazia? Era jornalismo? Era entretenimento? Não era entretenimento no sentido da história em quadrinhos, do horóscopo, das palavras cruzadas. Isso é entretenimento, mas não tenho nada contra o entretenimento. Eu não vejo problema que se tenha uma publicação que misture entretenimento com informação, como ideias. Eu não vejo o menor problema nisso, numa sessão de culinária. Uma revista como a *Trip* tem garotas lindas, os homens olham as garotas porque são homens, as mulheres olham porque querem ver como é que as outras são lindas para poder se comparar. Isso é entretenimento? Certamente que é, e tudo bem.

RA – Não tem como separar o jornalismo, desvinculando-o da ideia de entretenimento?

IF – Depende da proposta do veículo. Há veículos com 0% de entretenimento e há outros com 99% de entretenimento e 1% de informação. O que conta é a honestidade da proposta. Eu não tenho nenhuma restrição nesse sentido. A questão mesmo é o enfoque da cobertura, as escolhas que são feitas. Para o Chomsky, como é que funciona a grande imprensa? A grande imprensa não se baseia na mentira. Às vezes ela mente também, mas ela se baseia em ênfases e omissões. Ou seja, aquilo que serve a determinados interesses é magnificado, é amplificado, é martelado, é manchete, ocupa páginas e páginas, repercute nos outros veículos dias e dias, gera editoriais, etc. Já aquilo que não interessa...

RA – Há uma coisa que você coloca no seu livro, *Arte da Reportagem*, que é a ideia de Pavlov, sobre o ratinho...

191

IF - Aí é um outro lado, o fazer jornalístico.

RA – É, e eu acho genial essa ideia e eu queria que você falasse um pouco disso...

IF – Depois, quando eu fui trabalhar na *Super Interessante*, eu descobri que eu cometi um erro naquele prefácio porque o reflexo condicionado do Pavlov é do cachorro (risos). Se você toca o sininho ele começa a salivar, o ratinho já não é do Pavlov, mas são pavlovianos, enfim. A ideia é a mesma. Mas faltou informação minha sobre o Pavlov... Um erro! Se fosse um aluno meu e eu pegasse eu já descontava ponto...

RA - (risos) Bom, mas a metáfora foi válida...

IF – (Risos). Não fui checar o Pavlov, também não tinha internet, era tudo mais difícil...

RA – Cidadania. Em que medida a cidadania define o jornalismo para você?

IF – Bom, aí eu vou te falar o bê-á-bá. O jornalismo é um elemento essencial da cidadania. Quer dizer, para exercer os seus direitos de cidadão, você tem que estar informado. A informação que você pode obter por você mesmo, pelo seu ciclo de relacionamentos, é muito pequena. O seu contato com o mundo se dá através da mídia. É justamente isso o que a torna ainda mais perigosa, ainda mais nefasto para a democracia o monopólio dos meios de comunicação, a ausência de pluralismo. Eu não sou contra a existência de uma revista como a *Veja*, por exemplo, eu não sou contra o *Jornal Nacional*, por exemplo. Eu sou contra o fato de o *Jornal Nacional* ter 89% de audiência naquele horário e a Rede Globo monopolizar as redes de maior audiência no Brasil inteiro e, além disso, o rádio também, os jornais também, as revistas também. A Globo monopoliza concorrendo com outras publicações e redes que dizem a mesma coisa que e estão alinhadas com os mesmos interesses. Eu sou contra isso, e acho que deveria haver reformas profundas no sistema e na legislação de rádio e televisão do país para que não houvesse mais monopólio, para que houvesse igualdade de acesso aos meios de modo a garantir pluralidade da informação. O paradoxo da liberdade de imprensa é o seguinte: todo mundo é livre para dizer o que quiser, só que qualquer coisa que você disser ninguém vai ouvir.

RA – Puxando essa ideia do pluralismo, o fato de você ter feito um mestrado em Relações Internacionais e um doutorado em Ciências Políticas faz de você um melhor professor de jornalismo, nessa sua concepção de jornalismo?

IF – Claro! Quanto mais eu aprendo, melhor professor de jornalismo eu sou, não tenho dúvidas em relação a isso. O outro lado da moeda é que eu vou ficando velho e a cada ano eu estou mais chato, menos paciente. A gente aprende por um lado, ganha por um lado, e perde por outro, não é?

RA – Você acha que o professor de jornalismo deveria ter uma formação específica, uma licenciatura? Isso faz falta no ensino do jornalismo?

IF – Faz muita falta. Um professor, como eu, que vem de uma experiência prática, de redação, é jogado em uma sala de aula sem o menor amparo, sem noção do que é dar uma aula, sem noção do que é se relacionar com aluno. Eu vi professor de jornalismo que tem nome no mercado e tal nem preparar aula. Chega lá e fala: “Olha, essa semana, na revista onde eu trabalho, nós estamos fazendo uma matéria sobre tal coisa aí eu mandei um repórter não sei aonde, outro não sei aonde...”. Passa a aula inteira contando essas histórias. E a moçadinha, de 17, de 18 anos fica babando, de boca aberta. Você fazer isso um dia, tudo bem, mas não dá para ser uma coisa sistemática. Por exemplo, o que acontece nas faculdades de comunicação, em todas as faculdades de comunicação que eu conheço, é que não existe coordenação pedagógica. Eu nunca vi, em faculdades, uma reunião de professores para discutir ensino. As reuniões de professores em qualquer lugar são reuniões para se discutir assuntos burocrático-administrativos. As faculdades de jornalismo são uma fraude nesse sentido, uma total fraude! Não há planejamento... Mas, às vezes, eu acho até bom não haver planejamento porque, de repente, se houvesse planejamento pioraria, porque os critérios são os mais aleatórios, em todos os sentidos. Mas a falta de orientação do professor, enfim, é um problema mesmo. E também tem outra coisa: muita gente boa no trabalho, mas o fato de você ser bom no trabalho, ser bom jornalista, não lhe transforma em bom professor. E vice-versa. Conheço muitos jornalistas medíocres que são ótimos professores.

RA – A grande questão é como resolver essa equação. As escolas colocam muito esse problema. Você precisa de professores que estejam no mercado, porque eles tem experiência prática, e, ao mesmo tempo, quem trabalha com educação tem sensibilidade para perceber que você precisa de professores com pós-graduação, que tenham uma noção de didática, de pedagogia, de ensino. Esse é o grande dilema hoje, quer dizer, há muito tempo, das faculdades de jornalismo.

IF – Aliás, é engraçada essa coisa com jornalista. Isso tem certa equivalência com outro problema que ocorre nas próprias redações e que diz respeito à hierarquia interna de todos os veículos. Os jornalistas são promovidos, assumem cargos de chefia. Você vira editor, editor-executivo, redator-chefe, diretor de redação, chefe de sucursal a partir dos seus méritos, dos seus supostos méritos. Em alguns casos são méritos reais, em outros

casos, simplesmente você é um bom bajulador, mas isso não é bem o que conta aqui. Enfim, você é promovido em função de alguma qualidade que você mostrou e se torna responsável por gerir pessoas. Em qualquer outra área de gestão, dentro de uma empresa, os executivos passam por cursos e, então, vão ser gerentes de produto da empresa. Eles passam por meses e meses de curso, de aulas: “Olha como é que você administra pessoas, como é que você incentiva os talentos, como é que você procura despertar em cada profissional o que ele tem de melhor ou quando acontece alguma coisa errada, quando o profissional comete um erro, como que você trata esse erro, como que você lidera uma equipe”... No jornalismo, as pessoas assumem cargos. Você dirige uma revista, é chefe de cinquenta pessoas, sem o menor preparo. A Editora Abril, por exemplo, começou a se preocupar com isso, a dar curso de gestão... Mas no jornalismo diário, imagina! As pessoas são completamente despreparadas para lidar com pessoas. Alguns até são bons profissionais. Eu cansei de ver de diretor de redação completamente despreparado para chefiar uma equipe, até para o convívio com outros seres humanos. Por outro lado, o cara é brilhante, não há dúvida. Com o jornalista que vai para a sala de aula acontece a mesma coisa. Calha de ele ser um bom, ser um bom professor, por acaso. Eu mesmo fui aprendendo a ser professor na prática e acho até que eu tenho uma certa vocação. Na minha família, todo mundo é professor, vira e mexe, vem para cá, vai para lá, vai ser professor de alguma coisa...

RA – Como equacionar essa questão do professor que é do mercado e do professor que tem carreira acadêmica? Você acha que as duas possibilidades sejam válidas dentro da faculdade?

IF – Sem dúvida. O ideal para a faculdade de jornalismo seria combinar esses dois tipos de capacidade dos professores. Embora eu ache que o professor que é do mercado, chamado do mercado, que vem com o seu saber prático, pouco sistematizado, intuitivo, seja mais ou menos como o músico que aprende de ouvido, que não sabe ler uma partitura, mas que sabe desempenhar muito bem no seu instrumento. Eu acho que não dá, hoje, para você ser um bom professor de jornalismo sem você conhecer minimamente teoria, sem saber o que é que está se discutindo no campo. Tudo bem, você não precisa ter um doutorado em Comunicação, mas aí também não sei como

equacionar isso. Quer dizer, só esse saber prático é muito precário para você segurar um curso. Você acaba reproduzindo uma cultura de redação, um saber prático sem ter condição de ter uma postura crítica em relação a esse saber. O profissional que vem de redação para dar aula numa faculdade tem que encarar de saída o seguinte: essa é uma outra carreira. Está relacionada com a sua outra carreira no jornalismo profissional? Evidente que sim, se não fosse isso o cara não estaria em sala de aula. A base do que meu aluno aprendeu, como a base nas minhas aulas, é o que eu aprendi nas redações, embora eu também tenha aprendido muito lendo livro e com a minha própria experiência como professor. Mas o núcleo, o alicerce, é a minha experiência profissional, não há dúvida em relação a isso. Muitos jornalistas gostariam de ter acesso a um conhecimento mais refinado, mais profundo que a academia oferece e não têm porque a vida do jornalista não permite isso. Existe uma certa inveja do jornalista em relação ao acadêmico, assim como do acadêmico tem inveja do jornalista que está ali, aparece na televisão, publica matéria nos jornais. O acadêmico publica um negócio e aquilo ali vai ser lido por cinquenta pessoas, nem isso, às vezes... Você fica escrevendo, escrevendo, produzindo para nada, para ficar ali, juntando pó nas bibliotecas. Ao passo que o jornalista está ali no mundo real, o que ele escreve as pessoas leem, influencia... Estou fazendo um certo exagero em relação a isso, mas eu gostava quando eu escrevia na *Folha*, na *Veja*. As pessoas que eu conheço liam as minhas matérias e comentavam: “Ah, legal!”. Claro que é legal, tinha o maior orgulho de fazer isso. Mas, indo e voltando, tinha que ter um jeito, um convênio para o professor que nunca botou os pés na redação. Quer dizer, eu estou pensando nisso agora, mas tinha que ter uma solução também. Eu vejo colegas meus... O cara vai lá, dá aula de reportagem, pega reportagem de aluno, critica e não tem a menor noção do que está falando! Chega numa aula, tenta passar para os alunos ensinamentos com base num saber livresco que não tem nada a ver com o mundo real. Eu acho que também tinha que ter uma aproximação entre esses dois saberes, entre esses dois mundos. Eu acho que o ensino do jornalismo mudaria muito se houvesse isso. Mas, é claro, estou falando isso em termos utópicos. Tudo custa dinheiro, o tempo custa dinheiro. Não é um problema de solução fácil nas condições em que nós trabalhamos.

RA – Você acha que a solução poderia ser a escola se transformar numa grande redação, onde todos: professores e alunos experimentassem a vida acadêmica, experimentassem a elaboração do trabalho jornalístico, do fazer jornalístico, um grande laboratório?

IF –Eu simpatizo muito com essa ideia, mas, ao mesmo tempo, acho que algumas ponderações, no sentido contrário, devem ser incorporadas à discussão. Você reforçar o aspecto laboratorial, beleza! No entanto, um curso de jornalismo não pode se resumir a uma dimensão laboratorial. Acho que existem outras dimensões. Tem que ter teoria, tem que ter cultura geral, tem que ter aula de história, muito mais do que tem, tem que ter ciência política, sociologia, antropologia, português e literatura, de uma forma muito intensa também.

RA - Você é a favor daquela clássica formação: a formação humanística pura, de um lado, e a formação específica, de outro?

IF - Eu acho que o jornalismo tinha que ser pós-graduação. Não vou dizer que tudo isso que a gente está fazendo está errado. A gente faz o que é possível dentro das condições que dão, mas não existe um único caminho. Não existe um único caminho para nada! Para o jornalismo, então, existem múltiplos caminhos. Existe o caminho de a pessoa se tornar jornalista sem passar pela faculdade de jornalismo. Estou cansado de ver ótimos profissionais, ótimos colegas que eu já tive, que fizeram outros cursos e que são jornalistas melhores que 99,9% dos formados em jornalismo. Muito melhores que eu, que fiz faculdade de jornalismo. Convivi com muitas pessoas que eram muito melhores que eu e que só entraram numa faculdade de jornalismo para dar palestra. Volta e meia vem gente na Cásper para participar de banca de TCC (*trabalhos de conclusão de curso*). As faculdades de jornalismo: “Ah, o diploma, o diploma!” e convidam jornalistas não diplomados para participar de uma banca de TCC. Olha que paradoxo!

RA – Você acha que o diploma é importante para o exercício do jornalismo?

IF – Eu acho que é importante a regulamentação profissional. Eu acho que essa regulamentação profissional tem que passar pela formação universitária e que o exercício da profissão de jornalista deve se condicionado a alguns pressupostos, algum conhecimento – a palavra é antipática do jeito que eu vou falar – algum conhecimento da teoria do jornalismo. Por quê? Para você saber o que é que você esta fazendo. Conhecimento da ética da profissão, da história da profissão. Eu acho que isso é fundamental. Como se fazer isso? O modelo que eu considero ideal é o seguinte: você tem que ter um diploma universitário. Tendo um diploma universitário, você faz um curso, pode ser de um ano ou de dois anos. Não sei como é que seria isso. Poderia ser um curso de especialização ou de pós-graduação e esse curso lhe daria uma habilitação para exercer a profissão.

RA - Nos Estados Unidos funciona desse jeito.

IF - Nos Estados Unidos, eu acho que qualquer pessoa pode ser jornalista... Que eu saiba, qualquer pessoa pode ser, embora na prática muitos sejam formados. Na melhor imprensa americana, a maioria dos profissionais são formados em jornalismo. Mas muitos não são formados em jornalismo. Muita gente faz letras ou o equivalente, não sei como é que eles chamam isso lá. Tem gente que faz direito, ciências sociais... Ciências sociais é uma ótima formação para o jornalista, não é? Mas, por outro lado, isso não quer dizer que não deva existir mais faculdade de jornalismo. Não é algo como “Você quer ser jornalista? Vá fazer ciências sociais”. Não. “Mas eu quero ser jornalista! “Pô!, Então vai para a faculdade de jornalismo”. Eu acho que as coisas têm que ser mais abertas. Por que tem que ser só um jeito, só um caminho, só uma forma? De repente podemos pensar numa forma para a pessoa auto-didata ser jornalista? Talvez, se houvesse uma Ordem dos Jornalistas ou um Conselho dos Jornalistas que tivesse uma cláusula de exceção que permitisse um exame de qualificação para auto-didatas. Por que não? Por que é que a pessoa tem que ter um diploma, tem que passar pela universidade? Você pode aprender também de outras formas, embora esse seja o caminho normal, tradicional, da sociedade em que nós vivemos. Num mundo em que o saber é institucionalizado, oficializado, o caminho normal é você ir para a universidade.

RA - Como é que você articula essa sua concepção de jornalismo, essa crítica que você faz ao jornalismo, em sala de aula, ao ensino do jornalismo e à sua relação com os alunos?

IF - No curso de reportagem, é claro que a gente não fica só fazendo reportagem, mas o foco é esse. A reportagem tem uma técnica que pode ser ensinada e eu, a cada ano, tento melhorar a minha maneira de ensinar, de transmitir aos meus alunos uma série de conhecimentos que vão ajudar a encarar esse desafio. Redigir uma notícia, redigir uma reportagem, fazer uma entrevista, fazer um perfil. Existem convenções no jornalismo, mas quais são essas convenções? O jornalista que não passa por faculdade vai aprender isso se ele for inteligente, se ele tiver chance, mas vai demorar muito mais tempo. Eu acho que isso pode ser transmitido. Você coloca os jovens profissionais mais preparados no mercado se você for bem sucedido nesse esforço. Eu não discuto, com os meus alunos, o que é melhor. Eu não discuto diploma com os meus alunos, em sala de aula, não cabe a mim. Mas quando algum aluno que está em dúvida eu o estímulo muito a fazer outra faculdade, além do jornalismo. Não sei se é porque eu tenho essa frustração. Eu só fiz jornalismo, não fiz ciências sociais (risos), não é?, como eu faria se eu fosse começar de novo. Eu faria essas duas faculdades: jornalismo e ciências sociais. Se a minha filha quiser ser jornalista, eu diria isso para ela. Ela até tem vocação para o jornalismo, mas ela quer ciências sociais, quer ir para a área acadêmica. Mas eu estímulo muito. “Pô! Faz história, faz direito, faz economia, faz ciências sociais!. Faz uma outra coisa. Você vai ser um jornalista melhor se você fizer um outro curso além do jornalismo. Outra coisa: eu parto do princípio de que nem todas as pessoas que cursam jornalismo vão ser jornalistas, e nem precisam. A faculdade de jornalismo pode ser muito boa para outras pessoas que vão descobrir, na faculdade, que a vocação delas não é o jornalismo. Mas tudo bem, vai ser bom para a formação delas. Elas vão aprender um monte de coisa, no mínimo vão aprender a escrever direito. Escrever direito sempre é bom para qualquer pessoa, para qualquer profissão. No mínimo, vão ter um olhar mais crítico sobre o mundo, vão sair daquela coisa bitolada de quem fica em casa assistindo o Domingão do Faustão e o futebol. É tudo muito paradoxal. Eu dou um curso de jornalismo muito prático, focado no fazer jornalístico. Quer dizer: incentivo e cobro dos alunos habilidades de jornalistas, sabendo que muitos não têm vocação para o

jornalismo. Mas não sou eu que vou dizer, são eles que vão descobrir de uma forma mais ou menos dolorosa, mas, de qualquer maneira, é bom para eles.

RA – O que é uma boa reportagem?

IF – Uma boa reportagem faz a mesma coisa que um bom livro ou que um bom filme de ficção. O que faz um bom filme para mim? Um bom filme me faz sair do cinema diferente do que eu estava quando eu entrei. Eu terminei de ler um livro, eu sou uma pessoa diferente. Uma boa reportagem deve ser isso. Você terminou de ler aquela reportagem, já não é mais a mesma pessoa. Você vê um pedaço do mundo, você vê algo sobre o mundo de uma outra forma. Se eu for considerar uma definição do que é uma boa reportagem, acho que seria isso.